

4.

Na escrita da história: ‘origem’ e ‘agora’

A atenção própria de Benjamin em relação ao problema da história guarda características de sua obra, sinalizadas desde seus escritos juvenis. As considerações que apareceram embrionariamente neste período ganharão sua expressão maior no momento tardio da obra, quando Benjamin volta seus esforços para construir uma reflexão crítica sobre a modernidade, idealizada no plano formal como o *Projeto das Passagens* (*das Passagenwerk*). Nele a teoria da história torna-se um eixo para a pesquisa¹ de Benjamin, marcando em especial a preocupação do filósofo de realizar sua crítica eficaz do conceito da ‘história universal’ e do ‘progresso’. As teses *Sobre o conceito da história* (*Über den Begriff der Geschichte*), escritas 1940, poderiam ser lidas como uma condensação das idéias concebidas no corpo desse projeto, antecipando aquilo que o filósofo não viveria para concluir.

Retrocedendo deste marco, que são as *Teses sobre a história*, até o texto inaugural de sua teoria da linguagem, *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana* (1916), esse capítulo pergunta por uma concepção de história guardada entre suas linhas. Com essa abordagem ficam sublinhados encontros entre sua teoria da linguagem e sua teoria da história, não ignorando as diferenças formais destacadas ao longo da obra, mas principalmente fazendo notar o que teria perdurado em comum, assumindo para as concepções de ‘linguagem’ e ‘história’, em Benjamin, um parentesco determinado.

Embora não tenha encontrado a estabilidade de condições para concluir o *Projeto das Passagens*, Benjamin pôde apresentar algumas de suas figuras centrais,

¹ W. Benjamin, *The correspondence of*, ed. cit., carta a T. Adorno de 31.05.1935, p.489. Nela, Benjamin descreve uma “*conversa histórica*” a partir da qual se desenvolveria sua concepção das ‘imagens históricas’ ou ‘imagens dialéticas’, da qual teriam participado Horkheimer, Asja Lacis e o casal Adorno.

em trabalhos teóricos publicados de um modo mais pontual. Em um plano geral, esses trabalhos – como os ensaios sobre Baudelaire (*Sobre alguns temas de Baudelaire e Paris, capital do século dezenove*) e sobre Nikolai Leskov (*O narrador*), e propriamente as teses *Sobre o conceito de história* (1940) - refletiriam, ao lado de alguns outros, a ‘*armação teórica*’ com a qual Benjamin pretendia estruturar seu pensamento crítico sobre a história e a modernidade.

A idéia que Benjamin desenvolve da história, de partida, leva-nos a considerar uma interface pouco comum entre os domínios da experiência religiosa e secular, como a primeira tese de *Sobre o conceito da história* se incumbe de apresentar. Essa primeira tese² traz uma alegoria benjaminiana reconhecidamente inspirada no conto de Edgar Allan Poe, *O jogador de xadrez de Maelzel*, a partir da qual o filósofo introduz uma articulação emblemática das categorias da ‘teologia’ e do ‘materialismo histórico’. Nela, Benjamin narra uma cena em que um fantoche joga xadrez e ganha sempre, sendo regido por uma máquina. No plano geral, deveria se manter a ilusão de que tudo se via, embora esse dispositivo mantivesse debaixo da mesa um anão escondido, corcunda, aquele que verdadeiramente manuseava a máquina e o autômato, sem parecer. Ao fantoche Benjamin dá o nome de ‘materialismo histórico’, enquanto esse anão, o “*verdadeiro mestre no xadrez*”, se chamará ‘teologia’. Segundo essa alegoria, as vitórias do materialismo histórico não seriam operadas por uma máquina.

Nessa cena da primeira tese, esses regimes do pensamento a princípio antagônicos, ‘materialismo histórico’ e ‘teologia’, são associados de uma maneira pouco ortodoxa. A concepção benjaminiana do objeto histórico, e de sua abordagem na reflexão, estaria em jogo nessa articulação, se for possível entendê-la não apenas como uma denúncia, mas efetivamente como uma indicação teórica que se dispõe ao trabalho tenso de um ‘recuo do sagrado’ e de uma ‘imersão no concreto’. Numa ponta, a remissão do pensamento àquela ‘origem’ que desconhece o tempo, a partir da qual o homem mede a dignidade de sua tarefa; e, na outra ponta, o ‘presente’ como critério para a experiência de objetividade do pensamento.

² W. Benjamin, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.222.

Enquanto sua teoria da linguagem vincula a dimensão teológica da verdade como a expressão de um *pathos* da distância³, o materialismo histórico se introduz como uma reiteração de que a sua tarefa é um exercício movido pelo presente. O ‘materialista histórico’, no caso aquele que Benjamin eminentemente descreve nas teses, estaria comprometido em avançar no impenetrável do presente, revolvendo nessa experiência camadas significativas do passado. Numa carta escrita a Scholem, Benjamin indicava observar a idéia do “comunismo” (em geral correlata do ‘marxismo’ e do ‘materialismo histórico’) sob uma perspectiva diferente: “*não como um problema teórico, mas como uma atitude comprometida*”⁴. Talvez essa seja uma pista que, embora não descarte o problema, indique o registro do ‘materialismo histórico’ próprio à concepção de Walter Benjamin.

A figuração do ‘antigo’ no ‘atual’ indicaria, por extensão, um procedimento reflexivo pelo qual o presente encontra no passado referências que reforçariam as tendências de superação do historicamente embargado. Correspondendo a esse movimento, esse capítulo alude ao que poderiam ser seus pólos terminológicos: a ‘origem’ (*Ursprung*) e o ‘tempo-de-agora’ (*Jetztzeit*).

*Antes de tudo, não se deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação.(...) E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho.*⁵

³ Benjamin pontua uma vez: “ (...) *pathos* mas, claro, não *vacuidade*.” Escrito na carta juvenil a Carla Selingson de 05.06.1913 in: *The Correspondence of Walter Benjamin*, ed. cit., p.27.

⁴ Idem, *The Correspondence of Walter Benjamin*, ed. cit., carta a G. Scholem de 16.09.1924, p.248.

⁵ Idem, “Imagens do pensamento”, *OE II*, ed. cit., p.239.

4.1.

Dialética da origem ou ‘pecado original’

*A palavra deve comunicar algo (além de si mesma). Este é verdadeiramente o pecado original do espírito da língua.*⁶

Aquilo que a palavra carrega “*além de si mesma*”, do concreto e cotidiano, do senso comum, faz presente o “pecado original”, atualiza-o. Como se tal palavra abarcasse uma carga de “objetividade” excessivamente muda, cuja tradução seria a expressão prevalente de uma limitação, de um hiato comunicativo. Essa seria uma dimensão ‘sem expressão’ da língua humana, por isso culpável. Assim segue uma interpretação para essa epígrafe.

Ainda em uma linha interpretativa, seria tentador considerar, à luz da mesma epígrafe, o ‘pecado filosófico’ que teria acometido a obra de Benjamin, cuja posição na filosofia seria marcada, de um lado, pela expectativa de preservar a referência à linguagem da verdade, anterior ao *pecado original*, e, por outro lado, de designar uma experiência historicamente no *nome*, na língua. O motivo de ‘pôr à prova’ o pensamento⁷ preponderaria como preocupação de tornar a tarefa da ‘verdade’, a originária tarefa da filosofia, epistemologicamente compatível com a experiência crítica moderna. Susan Buck-Morss, acrescentaria que Benjamin buscara “*construir uma ponte para o descompasso entre a experiência cotidiana e as tradicionais preocupações acadêmicas*”.⁸

Uma exposição do pensamento à filigrana do concreto traria como revés a dispersão de sua unidade racional. Diante desse problema, segundo sua terminologia, a ‘unidade da verdade’ reiteradamente pode advir de uma instância ‘intensiva’ e ‘atual’. Sua abordagem histórica do pensamento, em vista da atualidade incisiva que

⁶ W. Benjamin, “Sobre a linguagem”, ed. cit., p.191.

⁷ No “capítulo 3” dessa dissertação, p. 69.

⁸ Susan Buck-Morss, *The dialectics of Seeing*, Londres, MIT Press, 1991, p.3 (tradução minha).

pretende, por vezes aproxima a reflexão filosófica dos temas da crônica de costumes, ou do jornalismo.

*O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.*⁹

O espanto histórico-filosófico benjaminiano, desde então, pode se radicar em um bibelô rachado. Considerar um detalhe concreto torna-se interessante para o filósofo na medida em que sua reflexão quer lhe restituir a integridade, detida ao revolver nele as possibilidades de uma verdade ancestral. Compreendido como um exercício de exposição intensiva da reflexão, em atenção à vida natural e normatizada na história, o filósofo prescinde da seguridade das estruturas de ordenamento e análise *in abstracta* enquanto investe suas energias contemplativas na literalidade sinuosa da combinatória de signos na cultura. “*Cada momento vivido transforma-se numa citação à l’ordre du jour – e esse dia é justamente o do juízo final.*”¹⁰

Na idéia do ‘pecado original’ se caracterizaria o instante limítrofe, em termos teológicos, da ‘origem da língua’. Segundo sua compreensão da nomeação¹¹, de volta ao texto *Sobre a linguagem* (1916), o caráter ‘receptivo’ do nome humano define o modo como a palavra conhece o tempo. O peso da significação – como sentença e juízo, diz Benjamin – provocaria a ‘queda’, a quebra da unidade entre linguagem e mundo. A partir das próprias coisas, fiel à forma como elas se transmitem, o homem poderia ainda reconhecê-las e nomeá-las, tornando a criação um tanto mais perfeita. Ao incidir sobre a linguagem, assim a ‘nomeação’ segue seu curso, em que cada ‘nome’ inaugura uma ‘totalidade intensiva’, posta a recobrar os vestígios daquilo cuja inteireza, desde o Paraíso, se sacrificou.

⁹ W. Benjamin, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.223.

¹⁰ *Ibidem*, p.223.

¹¹ Ver ‘teoria do nome próprio’ no capítulo 2.2. da presente dissertação.

Na ‘nomeação’, como descrito em *Sobre a linguagem*, dá-se um ‘conflito original’ “*entre o expresso e o exprimível e o não expresso e o não exprimível*”.¹² A partir daí, entre o consumado e a promessa, perduraria um ‘rastros’ material desse conflito, a herança histórica da ‘língua’ em que o homem nasce imerso. Como Benjamin entenderia, no jogo entre ‘expresso’ e ‘inexprimível’ permanece algo de intocado, tornando as linhas da escritura um abrigo temporal (e temporário) ao ser intemporal da ‘verdade’.

O ato de ‘nomear’ é acometido por alguma medida ‘inominável’, ao passo que, pronunciado pelo homem, o nome fenece. A versão bíblica da “*decadência do bem-aventurado espírito lingüístico*” antecipa, como a ‘queda na língua’, uma imagem de fundação da história. A palavra ‘sentenciadora’ do homem precipita um corte e põe fim à unidade mágica, anterior, entre os seres: “*(...) esta palavra sentenciadora só pune, como única e mais profunda culpa, o despertar de si própria (...)*”.¹³ A ‘servidão da linguagem’ resultaria, nesse caso, da confusão entre as línguas dos homens.

*Depois do pecado original, que, na capacidade mediadora da língua, estabeleceu o fundamento da sua diversidade, a distância até a confusão das línguas era apenas um passo.*¹⁴

A ‘Babel’ histórica corresponderia ao desencadeamento dessa diversidade e desencontro dos discursos. Uma vez interrompida aquela imediaticidade imemorial, ainda em *Sobre a linguagem*, a ‘nomeação’ se tornaria já como uma forma de tradução, que reavê parte da comunidade com as coisas, ancorada na unidade divina da palavra, proliferando porém ‘*tantas traduções quantas linguagens*’. Traduzindo, o homem multiplica o conhecimento em suas palavras. “*Neste conhecimento, o nome sai de si próprio: o pecado original é a hora do nascimento da palavra humana na qual o nome já não vivia incólume (...)*”.¹⁵

¹² W. Benjamin, “Sobre a linguagem”, ed. cit., p.184.

¹³ Ibidem, p.192.

¹⁴ Ibidem, p.193.

¹⁵ Ibidem, p.191.

Deve-se reconhecer que trazer o tema da história para o texto de 1916 implica ligeiramente em uma extrapolação de sua terminologia. ‘Linguagem’ e ‘história’ encontram-se implicitamente, no tempo da ‘queda’, na nomeação.

Na percepção empírica em que as palavras se fragmentaram, elas possuem, ao lado de sua dimensão simbólica mais ou menos oculta, uma significação profana evidente.¹⁶

A formulação do conceito de ‘origem’ (*Ursprung*), no *Prefácio do Trauerspiel*, assumiria, para a compreensão do conceito de história de Benjamin, um aspecto decisivo, marcando o ritmo desse encontro entre linguagem e história.

A origem, apesar de ser uma categoria totalmente histórica, não tem nada a ver com a gênese. O termo origem não designa o vir-a-ser daquilo que se origina, e sim algo que emerge do fluxo do vir-a-ser e da extinção.¹⁷

Benjamin esclarece que a ‘origem’ não prescinde dos fatos, seria ela mesma surgimento no sensível. Vinculado ao problema da aparição da ‘verdade’, o conceito de origem indicaria como ela tende historicamente a ‘escapar’¹⁸. Essa tendência, que já remetia à tese platônica da beleza da verdade, condicionaria a temporalidade que Benjamin conceitualmente quer inaugurar. Segundo sua idéia de ‘origem’, de algo que aparece e de imediato se extingue, não se fixando como fato meramente.

No ambiente do *Prefácio crítico*, a ‘origem’ é a marca da apresentação filosófica, relacionando ‘idéia’ e ‘fenômeno’. É interessante notar como, em Benjamin, a ‘idéia’ será descrita como algo de *pré-lingüístico*, enquanto os ‘fenômenos’ seriam, por seu lado, *seres lingüísticos incompletos*. A ‘origem’ na linguagem se realiza na efetivação de um e de outro, fundando-os para a história.

(...) meu conceito de origem no livro sobre o drama barroco é uma transposição rigorosa e conclusiva daquele conceito de Goethe do domínio da natureza para

¹⁶ Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.59.

¹⁷ Ibidem, p.67.

¹⁸ Idem, *Le Livre des Passages*, ed. cit., [N 3a, 1], p.480. (tradução minha).

aquele da história. A origem – é o conceito de ‘fenômeno originário’ destacado do contexto pagão da natureza e introduzido ao contexto judeu da história.¹⁹

O conceito de ‘fenômeno originário’²⁰ (*Urphenomen*), em Goethe, descrevendo a compreensão do poeta sobre a manifestação do universal na forma particular (da arte, a princípio), seria deslocado por Benjamin da perspectiva goetheana de uma natureza intuitiva do ‘fenômeno arcaico’, que Goethe pensava como conteúdo imutável e ideal eterno da obra. A idéia benjaminiana de ‘origem’ se instauraria, para a história, numa perspectiva de desdobramento perpétuo do universal no particular, como formas apresentadas objetivamente na linguagem.

O originário não se encontra nunca no mundo dos fatos brutos e manifestos, e seu ritmo só se revela a uma visão dupla, que o reconhece, por um lado, como restauração e reprodução, e por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado.²¹

No ato de aparecer, aquilo que aparece o faz já como vestígio desse ato. Aquilo que se origina, revela-se em ‘reminiscência’ (*Erinnerung*), e sua observação se põe como um exercício de ‘rememoração’ (*Eingedenken*). Entre o ‘vir-a-ser’ e a ‘extinção’, uma aparição fugidia. Talvez possa corroborar esse sentido uma enigmática máxima de *Rua de mão única*: “*Em tudo aquilo que, com fundamento, é denominado belo, faz efeito de paradoxo o fato de que apareça.*”²²

O objeto histórico, considerado a partir do conceito de ‘origem’, aparece como algo diferente do fenômeno, não se constituindo de fatos apenas. Embora se relacione com o dado material, a história não se resolveria formalmente nele. “*A origem, portanto, não se destaca dos fatos, mas se relaciona com sua pré e pós-história.*”²³ Na intensidade do seu conceito de origem, saltariam tais ‘pré’ e ‘pós-história’ de um fato. O conceito de ‘origem’ aportaria assim uma polarização, como

¹⁹ Ibidem, [N 2a, 4], p.479.

²⁰ Também traduzido como ‘fenômeno arcaico’.

²¹ Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.68.

²² Idem, “Rua de mão única”, *OE II*, ed. cit., p.40.

²³ Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.68.

uma ‘tensão’ histórica que precipita sua expressão na língua. Ao conceito de ‘origem’ será atribuída por Benjamin uma “*dialética imanente*”.²⁴

Como o cerne da aparição da ‘verdade’, e como ‘vir a ser’, a idéia da origem comportaria a promessa de uma intensa totalidade da língua. Em seu sentido crítico, por sua vez, constitui objetivamente um instante de ruptura, o salto que paralisa o *continuum* daquele modelo convencional de se compreender a história. Investindo sobre as condições dessa dialética na ‘apresentação’, o conceito de história benjaminiano permanece orientado para um debate epistemológico, a considerar as condições para a ‘verdade’ do conhecimento.

*Conhecemos o ‘tanto pior para os fatos’ de Hegel. No fundo a frase significa que a percepção das relações entre as essências cabe ao filósofo, e que essas relações ficam inalteradas, mesmo quando não se manifestam, em sua forma pura, no mundo dos fatos. Essa atitude genuinamente idealista paga por sua segurança o preço de abandonar o cerne da idéia de origem.*²⁵

A verdade, considerada à luz do historicismo convencional, corresponderia ao projeto de um acúmulo de dados factuais, a partir de registros que tenderiam a se avolumar na direção de uma totalidade extensiva. Benjamin considera haver um ‘*verismo ingênuo*’ nessa abordagem. Para ele o historicismo universal, e sua abordagem de ‘empatia’²⁶ com o passado, parece anular a atualidade de quem o constrói como condição de sua unidade. Em contrapartida, o materialista histórico, instruído nas circunstâncias da sexta e sétima teses de *Sobre o conceito da história*, assumiria o atual como critério de ‘*distanciamento*’ de seu fazer histórico, que decompõe a imagem mítica do ‘*era uma vez*’ da historiografia tornando esse passado “*uma experiência única*”.²⁷

O caráter ‘empático’ da construção histórica corresponderia, no fazer do historicismo convencional, à ‘empatia com o vencedor’²⁸, narrada como a história universal. Os ‘contrários dialéticos’ dessa empatia: a apologia do vencedor ou a

²⁴ Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.68.

²⁵ Ibidem, p.68.

²⁶ Idem, “Sobre o conceito de história”, *OE I*, ed. cit., p.225.

²⁷ Ibidem, p.231.

²⁸ Ibidem, p.225.

vitimização dos vencidos. Na explicitação metodológica dessa ‘empatia’, ficaria, segundo Benjamin, marcado o caráter ilusório daquela universalidade histórica sem lacunas.

Segundo Benjamin, o ‘historicismo social-democrata’ se abstém de uma armação teórica mais elaborada em vista de um mero “*procedimento aditivo*”²⁹, estabelecido como inventário ininterrupto dos fatos. O ‘materialismo histórico’ que Benjamin reconhecerá, por sua vez, se formaria como um “*princípio construtivo*”³⁰ a partir do presente. Isso acarretaria uma diferença metodológica marcante no que concerne à abordagem dos documentos.

Em um texto intitulado *Ensaio sobre a leitura*, Proust distinguirá duas concepções de verdade que repousariam no documento escrito. Mesmo não contemplando todos os problemas que Benjamin se coloca, a observação proustiana atesta uma preocupação que não seria indiferente ao filósofo. Proust indicará, como contrapartida à concepção utilitária de “*uma verdade que se deixa copiar num carnê*”, a concepção de “*uma outra verdade*”.

*A concepção de uma verdade surda aos apelos da reflexão e dócil ao jogo das influências, de uma verdade que se obtém através de cartas de recomendação que são entregues em mãos daquele mesmo que a possuía materialmente, sem talvez sequer conhecê-la, de uma verdade que se deixa copiar num carnê, essa concepção da verdade, no entanto, está longe de ser a mais perigosa de todas. Porque, com bastante freqüência, para o historiador, até para o erudito, essa verdade que vão, longe, procurar num livro é menos, falando com propriedade, a verdade, ela mesma, que seu índice ou sua prova, deixando, conseqüentemente lugar para uma outra verdade que ela anuncia ou que verifica e que é no mínimo uma criação individual.*³¹

Benjamin preserva uma compreensão da ‘verdade’ que não se antecipa no abstrato, e não se fixa no escrito; porém que tampouco seria uma instância isolada de ‘criação individual’. A concepção benjaminiana do conhecimento histórico terá em perspectiva uma relação cognitiva de concentração no objeto, nas camadas de

²⁹ Ibidem, p.231.

³⁰ Ibidem, p.231.

³¹ Marcel Proust, *Sobre a leitura*, ed. cit., p.38.

significado que emergem historicamente a partir dele. Segundo essa reserva, a história se articula ao passado à luz de um perigo do presente.

*Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.*³²

Segundo Benjamin, a história não se sedimentaria em um plano cumulativo das narrativas, que progressivamente preencheriam os lapsos do esquecimento. No objeto da investigação histórica materialista, seria formalizada uma espécie de ‘*configuração de tensões*’ como marca histórica cristalizada em imagem, como uma ‘mônada’, propõe Benjamin. “*O materialista histórico só se aproxima do objeto histórico quando o confronta enquanto mônada*”.³³ Benjamin prevê uma polarização a partir dessa imagem. “*O objeto histórico, em virtude de sua estrutura monadológica, tem representada em seu interior, sua própria história anterior e posterior*”.³⁴

A ‘distância’ com que o materialista histórico, designado por Benjamin, observa o curso das épocas se desenvolveria como sua sensibilização frente a uma ‘*constelação de perigos*’ atual. Caberia ao historiador ler os sinais de um passado em perigo, sua tarefa se trata de um resgate. Segundo o materialismo vislumbrado por Benjamin, a ‘verdade’ só é circunscrita no instante pontual em que o historiador se depara com o objeto histórico ameaçado.

*É importante se desviar resolutamente do conceito de <<verdade intemporal>>. Entretanto a verdade não é somente – como afirma o marxismo – uma função temporal do conhecer; ela é ligada ao contrário a um núcleo temporal que se encontra ao mesmo tempo no que é conhecido e no que conhece.*³⁵

A verdade, situada de modo instantâneo ‘*no que é conhecido e no que conhece*’, possivelmente permanece ‘*fora de ambos*’³⁶, o que corresponderia àquela

³² Idem, “Sobre o conceito de história”, *OE I*, ed. cit., p.224.

³³ Idem, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.231.

³⁴ Idem, *Le Livre des Passages*, ed. cit., [N 10,3], p.493. (tradução minha).

³⁵ Ibidem, [N3, 2], p.480.

³⁶ Idem, “Rua de mão única”, *OE II*, ed. cit., p.18.

relação amorosa com a verdade³⁷, de que trata o *Prefácio crítico*. Um ‘núcleo temporal’ da verdade seria como o suporte material dessa relação, cuja forma é definida diante de um campo de observação atual.

Há um trecho do livro sobre o barroco (1924), que sinaliza, dialeticamente, o caráter de ‘represamento’ compreendido na palavra escrita. O ‘reino da significação’, segundo esse extrato do *Trauerspiel*, figuraria como interrupção na palavra escrita, outrora manifesta como a ordem inscrita na pedra e a cicatriz do castigo.

*Para o Barroco, a palavra falada é e permanece puramente sensual, ao passo que a palavra escrita é o reino da significação. A palavra oral não é afetada pela significação ou o é, como se fosse contaminada por uma doença inevitável; a palavra se interrompe, quando está sendo articulada, e as emoções, que estavam a ponto de extravasar, são represadas, provocando o luto. A significação aparece aqui, a aparecerá sempre, como o fundamento da tristeza.*³⁸

Aí Benjamin aponta a ‘significação’ como o fundamento do luto e da tristeza. O livro do *Trauerspiel* marca um aspecto relevante da compreensão benjaminiana da história. Na história, a *physis* se incorpora à significação, como condição para a palavra escrita. Como escrita, a significação aproxima-se da ‘morte’, que, por sua vez, encerra especialmente em si o conhecimento da duração limitada da vida. “Benjamin multiplica essa compreensão da escrita como lugar de luto, superfície agônica.”³⁹

*Quanto maior a significação, tanto maior a sujeição à morte porque é a morte que grava mais profundamente a tortuosa linha de demarcação entre a physis e a significação.*⁴⁰

A paisagem de ‘luto’ é retomada na caracterização da história, desta vez na sétima tese de *Sobre o conceito da história*. Como uma alegoria, a história é entendida como um ‘cortejo fúnebre’, que avança em seu trajeto sobre “os corpos

³⁷ ‘Relação amorosa com a verdade’ descrita no capítulo 3 dessa dissertação.

³⁸ W. Benjamin, *A origem do drama barroco alemão*, ed. cit., p.231.

³⁹ Kátia Muricy, *Alegorias da dialética*, ed. cit., p.230.

⁴⁰ W. Benjamin, *A origem do drama barroco alemão*, ed. cit., p.188.

prostrados e espezinhados no chão”. Nesse caminho, os ‘despojos expostos triunfalmente’ corresponderão ao que Benjamin chamará de ‘bens culturais’.

A história de cada palavra encerraria em si a história de uma busca de sentido. Se, no limite, essa palavra traz consigo a expressão geral de um malogro, ela própria é um testemunho da esperança. A vocação receptiva de cada palavra, segundo a perspectiva benjaminiana, é ritmada por uma espera. No intervalo de suas aparições, ela aporta cargas cada vez mais densas de usos sociais. Seu estigma não se remove da *physis*, e compromete o destino de tudo o que lhe interpela e que ela designa. Nesse quadro, a significação não avançaria como um fluxo cambiante de livre criação, mas sucede como ‘paralização’, como um corte.

Na nona tese, então, complementam-se os versos de *Saudação do anjo*, poema de Gerhard Scholem, e o desenho *Angelus Novus*, de Paul Klee, que Benjamin reúne para compor a sua alegoria do “anjo da história”: ele tem as asas e os olhos bem abertos, e seu rosto voltado para trás, enquanto uma tempestade o lança irremediavelmente para o futuro. “Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés”.⁴¹ Aos olhos do anjo, as ruínas se multiplicam sob o signo de ‘uma única catástrofe’.

A alegoria do ‘cortejo fúnebre’ guarda alguma menção àquela idéia de uma ‘marcha única da história’. A crítica dessa marcha, como uma problematização da idéia da história universal, estava indicada na obra de Benjamin desde seus textos universitários. Em *A vida dos estudantes*, 1913, Benjamin já pretendia descrever a inviabilidade de

*uma concepção de História que, confiando na infinitude do tempo, distingue apenas o ritmo dos homens e das épocas que rápida ou lentamente avançam pela via do progresso. A isso corresponde a ausência de nexos, a falta de precisão e de rigor na exigência que ela faz ao presente.*⁴²

⁴¹ Idem, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.225-6.

⁴² Idem, “A vida dos Estudantes”, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*, ed. cit., p.31.

Nesse texto, Benjamin formulava de modo insipiente que “*a História repousa concentrada em um foco*”, como nas “*imagens utópicas*” dos grandes pensadores. Em 1940, Benjamin introduz, em sua décima quarta tese, o conceito de “*um tempo saturado de agoras*”. Em ambos os textos, caracteriza-se um instante incisivo em contrapeso ao *continuum* vazio e carente de nexos do historicismo universal, colocando em relevo a circunstância pontual em que se escreve a história. Essas expressões, ‘história em um foco’ e ‘tempo saturado de agoras’, reiteram terminologicamente a intensidade própria de seu conceito de ‘origem’, como irrupção e interrupção, ou ainda como uma precipitação de ‘quedas’, contrapartidas ao *continuum* da historiografia convencional.

*A idéia de um progresso da humanidade na história é inseparável da idéia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da idéia do progresso tem como pressuposto a crítica da idéia dessa marcha.*⁴³

Benjamin reconhece que a idéia iluminista do progresso fora originariamente um projeto de crítica, “*perdido mais e mais ao longo do século dezanove*”. O ideal do progresso fora reiterado ainda pela transposição inadvertida da teoria darwinista da esfera da natureza para a da cultura. A perspectiva de um desenvolvimento histórico único assumia então uma dimensão científica positiva e inexorável.

*A doutrina da seleção natural ganhou nesse processo uma importância decisiva; ela popularizou a idéia de que o progresso se realiza automaticamente. Ela também favoreceu a extensão do conceito de progresso a todos os domínios da atividade humana.*⁴⁴

Afastando uma concepção universalista da história, Benjamin formula para o materialista histórico um ‘*princípio construtivo*’, de modo que a da história possa “*(...) conduzir o passado a encontrar o presente em uma posição crítica*”.⁴⁵

⁴³ Idem, “Sobre o conceito de história”, *OE I*, ed. cit., p.229.

⁴⁴ Idem, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N 11a, 1], p.495 (tradução minha).

⁴⁵ Ibidem, [N 7a, 5], p.488.

Segundo essa perspectiva, o historiador orienta sua leitura do passado a partir do que lhe interpela no presente.

O materialista histórico sob o prisma benjaminiano encontra as camadas do passado na perspectiva de intensificar uma configuração atual dos problemas. No ‘agora’, postula Benjamin, se apresentam os nexos, as condições de citar o passado, como possibilidade de retomar e redimir os seus malogros. O passado salta das camadas acumuladas de linguagem como fósseis que reanimam no presente, despertados pelo historiador. No sentido ‘originário’, um período cronologicamente mais distante poderia estar historicamente mais próximo de hoje, assim “*como, por um outro lado, as diferentes épocas do passado não são tocadas em uma mesma intensidade pelo presente do historiador*”.⁴⁶

Quando duas épocas se unem em seus ‘pólos de perigo’, tradições ameaçadas são reunidas em um enfrentamento presente, fazendo ‘*saltar pelos ares o continuum da história*’. Nas *Passagens*, Benjamin indicara que a “construção”, na história, dialeticamente carrega alguma “destruição”.⁴⁷

*o momento destrutivo na historiografia materialista deve ser compreendido como uma reação a uma constelação de perigos que ameaça tanto o que é transmitido pela tradição como aquilo que recusa essa tradição. A historiografia faz face a essa constelação de perigos; aí reside sua atualidade, aí que ela deve fazer a prova de sua presença de espírito.*⁴⁸

O ‘*caráter destrutivo*’ seria aquele capaz de abrir caminhos, desinterditar séculos. A intensificação do histórico, em um instante, aconteceria como o acúmulo de uma carga imemorial de energia que, então, ‘*como na fissura do átomo*’⁴⁹, poderia liberar as forças que se quedam prisioneiras do *continuum*, do “era uma vez” das narrativas oficiais da história. Benjamin o descreve em uma passagem de *Rua de mão única*: “*O caráter destrutivo tem a consciência do homem histórico, cujo sentimento básico é uma desconfiança insuperável na marcha das coisas (...)*”.⁵⁰ O

⁴⁶ Ibidem, [N 7a, 2], p. 488.

⁴⁷ Ibidem, [N 7, 6], p.487.

⁴⁸ Ibidem, [N 10a, 2], p.493.

⁴⁹ Ibidem, [N3, 4], p.480.

⁵⁰ Idem, “Imagens do pensamento”, *OE II*, ed. cit., p.237.

que existe ele converte em ruínas, “*não por causa das ruínas, mas por causa do caminho que passa através delas*”.⁵¹

Em contrapartida à marcha triunfal da historiografia convencional, a criticidade materialista pára o tempo, interrompendo a hegemonia da adição sucessiva, abstrata e infinita dos fatos. O conceito de história proposto por Benjamin validaria, então, ‘*correlações expressivas*’, em vez das cadeias de ‘*correlações causais*’.⁵² Sua expressão seria ‘imobilização’, instaurando-se no hiato que apenas antecipa o que quer ganhar expressão, mas ainda não ganhou. Seria uma compreensão que “*dinamita*” o curso linear da história.⁵³

A investigação histórica será materialista, no sentido benjaminiano, enquanto lastreada no sensível. Inicia-se na contemplação de um indício material – no objeto – em busca de seus ‘pólos intensivos’, ou suas ‘pré’ e ‘pós-história’. Como se notará novamente, “*é o presente que polariza o acontecimento em história anterior e história posterior*”.⁵⁴

Há um trecho de *No caminho de Swann* (primeiro volume de *Em busca do tempo perdido*), em que Proust parece dar uma pista do que se concebe em Benjamin como uma leitura da história a partir de seus elementos materiais, uma pista sobre seu ‘materialismo’ particular. Proust comenta uma crença da cultura céltica.

*Acho bem razoável a crença céltica de que as almas das pessoas que perdemos se mantêm cativas em algum ser inferior, um animal, um vegetal, uma coisa inanimada, e de fato perdidas para nós até passarmos perto da árvore, ou entrarmos na posse do objeto que é sua prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e tão logo as tenhamos reconhecido o encanto se quebra. Libertas por nós, elas venceram a morte e voltam a viver conosco.*⁵⁵

A escrita da história estaria orientada, segundo o materialismo das teses, à objetividade dos pequenos indícios temporais, cujo alcance semântico guardaria um sentido, ou uma mensagem para a história. Em *O narrador*, Benjamin cita uma

⁵¹ Idem, “Rua de mão única”, *OE II*, ed. cit., p.237.

⁵² Idem, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N1a,6], p.476. (tradução minha).

⁵³ Ibidem, [N 10a, 1], p. 493.

⁵⁴ Ibidem, [N 7a, 8], p.488.

⁵⁵ Marcel Proust, *No caminho de Swann*, Trad. Fernando Py, SP : Folha de SP, 2003, p.48.

história de Leskov, chamada *A alexandrita*. Mostrando que a escrita de Leskov guardaria as características de um narrador tradicional, Benjamin afirma que ‘quanto mais ele desce na hierarquia das criaturas, mais sua concepção se aproxima do misticismo’. Esse conto escolhido por Benjamin guarda a menção a uma pedra semi-preciosa, o piropo, e “a pedra é o extrato mais ínfimo da criatura”, observa o filósofo. O narrador, segundo a análise de Benjamin, seria exemplarmente aquele que “consegue vislumbrar nessa pedra semipreciosa, o piropo, uma profecia natural do mundo mineral e inanimado dirigida ao mundo histórico, na qual ele próprio vive”.⁵⁶ Orientada ao detalhe, é possível reconhecer daí uma abordagem que abarca o reconhecimento ‘intensivo’ dos sinais do tempo, partindo de um objeto.

A preocupação de Benjamin seria, então, dotar de rigor dialético essa aparição profética e mística, que originariamente as coisas reservam para a história. Sua efetiva preocupação permaneceria, comum ao *Prefácio* e aos escritos sobre a história, a de que o filósofo e historiador, ao abarcar com minúcia a parte, no gesto do fragmento, pudesse fazer justiça à ‘idéia’ do todo.

*O aprofundamento das perspectivas históricas em investigações desse tipo, seja tomando como objeto o passado, seja o futuro, em princípio não conhece limites. Ele fornece à idéia a visão da totalidade.*⁵⁷

A questão da ‘apresentação das idéias’, no *Prefácio*, oferece a caracterização preliminar do trabalho ‘microscópico’ que corresponderia posteriormente também à escrita da história.

*A relação entre o trabalho microscópico e a grandeza do todo plástico e intelectual demonstra que o conteúdo da verdade só pode ser captado pela mais exata das imersões nos pormenores do conteúdo material.*⁵⁸

A crítica à história universal, empenhada por Benjamin, levanta a questão das condições de legibilidade e acesso ao conhecimento da história. Em contrapartida ao historicismo, a construção materialista de um quadro histórico se

⁵⁶ W. Benjamin, “O narrador, *OEI*, ed. cit., p.219.

⁵⁷ Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.69.

⁵⁸ Ibidem, p.51.

fundaria no ‘detalhe microscópico’, singular. As possibilidades de uma total absorção do detalhe pela história correspondem, em Benjamin, às condições de preservação de seu sentido de um todo transcendente.

*Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época, e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos.*⁵⁹

Em Benjamin, a problematização daquela idéia da ‘mediação universal’ tem em vista a compreensão de um ‘imediato’ da verdade que o impelia a transitar de modo complexo entre o materialismo histórico e princípios de messianismo. Na tradição do Torá, observara Benjamin, o futuro homogêneo e vazio poderia ser redimido porque “*nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias*”.⁶⁰ Significando uma espera tomada pela atenção, o messianismo judaico elegia o elemento excepcional como o redentor de uma desolação que até então é regra. Essa perspectiva que elevaria a exceção sobre a regra, exercida com o suporte do texto sagrado, seria capaz de ‘*desencantar o futuro*’. “*O conceito autêntico da história universal é um conceito messiânico. A história universal, tal como ela é compreendida hoje, é assunto dos obscurantistas*”.⁶¹

⁵⁹ Idem, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.231.

⁶⁰ *Ibidem*, p.232.

⁶¹ Idem, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N 18, 3], p.504. (tradução minha)

4.2.

Tempo-de-agora e a 'imagem dialética'

Diante da questão de uma 'verdade' sobre o passado, Benjamin formularia a questão do reconhecimento do tempo na 'imagem' que o homem faz de si mesmo. O filósofo coloca, nesse sentido, que *“irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela”*.⁶² Pode-se antever a relação reflexiva presente nessa consideração. Para o presente, remetido ao passado intensivamente, este lhe 'retorna o olhar', fazendo saltar dessa distância uma perspectiva dialetizada do presente ele mesmo.

Conceber a história a partir de camadas de linguagem acumuladas e dispostas ao presente segundo seu entorno material, em reminiscências, não significaria, para Benjamin, abandonar a perspectiva da 'verdade' histórica, mas redimensioná-la. Em sua concepção, *‘a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz’*, ao tempo que a *‘historicidade do fato é póstuma’*. *“Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo(...)”*.⁶³

Diante da prerrogativa de um passado 'como imagem', contudo, estaria em jogo sua plasticidade ao infinito? Pensar dessa forma a história, só pareceria possível, em Benjamin, a partir da observação limitadora de que *“sem dúvida, somente a humanidade redimida pode apropriar-se totalmente de seu passado”*.⁶⁴ No tempo histórico, anterior à redenção, o acesso ao passado se oferece parcial, pela combinação de memória, promessa e possibilidade de construção, concebidos como *“um encontro marcado entre as gerações precedentes e a nossa”*.⁶⁵ Se o passado se

⁶² Idem, “Sobre o conceito de história”, *OE I*, ed. cit., p.224.

⁶³ Ibidem, p.224.

⁶⁴ Ibidem, p.223.

⁶⁵ Ibidem, p.223.

transmite orientado por uma necessidade presente de ‘redenção’ (*Erlösung*), ele só ‘é citável em cada um de seus momentos pela humanidade redimida’.⁶⁶

É na segunda tese de *Sobre o conceito da história* que Benjamin colocava uma perspectiva fundamental, em seu entender, da articulação dos vestígios do passado, qual seja, a orientação própria da ‘*imagem da felicidade*’. Benjamin estaria com isso indicando um motivo organizativo do sentido histórico, possivelmente, a ser resgatado pelo historiador materialista a partir do que foi vivido e do que foi prometido, não do abstrato no futuro. Do passado viriam os ecos das vozes que, embora emudecidas, tocam e movem o presente, indica Benjamin. O sofrimento consumado pede transfiguração no tempo, e intensifica a necessidade – vivida – de felicidade. Uma ocasião histórica da felicidade aguardaria longamente dormente, antes de sua antecipação diante do homem redimido, ao qual caberia a imagem de sua história inteira. “*A concepção autêntica do tempo histórico repousa inteiramente na imagem da redenção*”.⁶⁷

Em Benjamin, uma perspectiva histórica que combina materialismo e messianismo exige sempre de novo atenção. Em seu *Fragmento teológico-político*, o filósofo buscava preservar que “*o Reino de Deus não é o telos da dinâmica histórica*”.⁶⁸ Isso se expressaria no reconhecimento de que “*a imagem da felicidade está indissoluvelmente ligada à da redenção*”. Benjamin estava pensando, como expõe no *Fragmento teológico-político*, em uma relação entre ‘redenção’ e ‘felicidade’ como forças contrárias que, assim sendo, se reforçam – uma de ordem teológica e a outra de ordem profana. A ordem profana só poderia se orientar pela idéia da ‘felicidade’, e uma relação entre ambas seria um problema a ser apresentado ‘figurativamente’. Se a cada geração se transmite “*uma frágil força messiânica para*

⁶⁶ Ibidem, p.223.

⁶⁷ Idem, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N, 13a, 1], p.498.

⁶⁸ Idem, “Theologico-Political Fragment”, *Refletions. Walter Benjamin*, Trad. inglês Edmund Jephcott, Nova Iorque : Schocken Books, 1986, p.312.

a qual o passado dirige um apelo”⁶⁹, “*somente o Messias ele mesmo consuma toda a história (...)*”⁷⁰.

Enquanto isso, se encontra uma possibilidade de marcar a história no reconhecimento ‘material’ do passado no presente, entendido por Benjamin como um instante de ‘salto dialético’, capaz de redimensionar a experiência do tempo em sua ‘intensidade’. Benjamin parece se preocupar com uma outra “mensuração” do tempo, que dotasse o fazer histórico de uma repercussão instantânea. Ele observa como o calendário guardaria um sentido temporal diferente do tempo cronológico dos relógios. “*O dia com o qual começa um novo calendário funciona como um acelerador histórico*”. Lembra, nesse contexto, de um episódio emblemático da Revolução Francesa. Ao final do primeiro dia de combate, personagens teriam atirado contra os relógios das torres em diversas localidades de Paris, coincidentemente na mesma hora. Uma testemunha ocular, anônima, teria registrado em versos o que viu: “*Eles atiraram contra os relógios para parar o dia*”.⁷¹ Benjamin havia feito uma observação correlata, em “Rua de mão única” (1925), comentando, com tom irônico, o espírito eminentemente contábil da cronologia:

*Muito corretamente Lichtenberg propõe falar de apequenamento do tempo, em lugar de encurtamento, e é ele mesmo quem observa: ‘Algumas dúzias de milhões de minutos fazem uma vida de quarenta e cinco anos e um pouco mais.’*⁷²

Nas teses, ainda, Benjamin cita uma conhecida estimativa que compara o tempo da vida orgânica na terra com o da existência humana, postos numa escala de 24 horas. A vida inteligente corresponderia a átomos do último segundo da última hora. Essa percepção vertiginosa do histórico preencheria, propõe Benjamin, a perspectiva fulgurante da temporalidade do ‘agora’.

⁶⁹ Idem, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.223.

⁷⁰ Idem, “Theologico-political Fragment”, ed. cit., p.312.

⁷¹ Idem, “Sobre o conceito de história”, *OE I*, ed. cit., p.230.

⁷² Idem, “Rua de mão única”, *OE II*, ed. cit., p.61.

O ‘agora’, que como modelo messiânico abrevia num resumo incomensurável a história de toda a humanidade, coincide rigorosamente com o lugar ocupado no universo pela história humana.⁷³

A história, definida pelo instante no qual ela é narrada, consiste no ‘agora’ como tempo intensivo, quando podem penetrá-la, das fissuras, ‘*estilhaços do messiânico*’. O ‘tempo-de-agora’ (*Jetztzeit*) corresponderia, não à posição final em uma cronologia, mas à sua interrupção. Um tempo que não é experimentado nem como vazio, nem como homogêneo. Benjamin propõe abordar o ‘instante’ como uma totalidade, como uma grandeza intensiva. “*O presente não é transição, mas pára no tempo e se imobiliza*”.

Nessa paralização não se adia uma polarização, se a intensifica. O instante, por intensidade, salta do *continuum* como totalidade, ainda que seja um fragmento. A oitava tese, possivelmente, fornece uma definição esclarecedora para uma ordem histórica que é limitada, profana. Os elementos que se oferecem como ‘*exceção*’ tornam-se especialmente significativos.

A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade.⁷⁴

O que seria ‘regra’ para os oprimidos, ainda indica Benjamin, é a onipresença da ameaça, é que entre eles ‘*nem os mortos estão em segurança*’. Em “Panorama Imperial, Viagem através da inflação alemã”, Benjamin evoca o mesmo tema, desta vez com um relato despojado, quando nota que

(...) relações estáveis não precisam nunca e em tempo algum ser relações agradáveis e já antes da guerra havia camadas para as quais as relações estabilizadas eram a miséria estabilizada.⁷⁵

⁷³ Idem, Sobre o conceito da história”, ed. cit., p.232.

⁷⁴ Ibidem, p.226.

⁷⁵ Idem, “Rua de mão única”, *OE II*, ed. cit., p.20.

Aquilo que permanece silenciado, seja no registro vital das ‘coisas brutas e materiais’ ou sutil das ‘coisas refinadas e espirituais’, seria uma herança ameaçada com que Benjamin se preocupa. A gravidade da condição histórica, no atual, pede redenção. “*Nesse momento perceberemos que a nossa verdadeira tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção*”. Observando o presente, o materialista histórico galga, nos detalhes, a imagem de uma atualidade em que a ‘exceção’ é regra. Como ‘estilhaços’ são os perigos antigos que podem se infiltrar no tempo atual – marcando um apelo, invocando heranças, sensivelmente cerzindo as tradições sacrificadas para um tempo ‘*de agoras*’, segundo a inclinação apresentada no texto de 1940.

*Somente quem soubesse considerar o próprio passado como fruto da coação e necessidade seria capaz de fazê-lo, em cada presente, valioso ao máximo para si. Pois aquilo que alguém viveu é, no melhor dos casos, comparável à bela figura à qual, em transportes, foram quebrados todos os membros, e que agora nada mais oferece a não ser o bloco precioso a partir do qual ele tem de esculpir a imagem de seu futuro.*⁷⁶

Como um ‘torso’ seria a imagem que o historiador materialista pode reter da história, como uma ‘experiência’ (*Ehfarung*). Para o materialismo benjaminiano a investigação é assumida a partir dessa parte incompleta, uma ‘reminiscência’ (*Erinnerung*). Para Benjamin, a experiência “*forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória, do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória*”.⁷⁷ A história apresentar-se-ia à memória em ‘imagens’ que afluem, considerando que, na teoria de Benjamin, o tempo-de-agora, o *Jetztzeit*, corresponde, não ao fluxo, mas ao corte, no ponto em que se paraliza o tempo em um conhecimento histórico. A autenticidade da mirada histórica será delimitada pela interrupção de um fluxo.

Segundo Benjamin, haveria ainda uma característica fundamental para a forma do ‘agora’ como aparição de uma ‘imagem dialética’. A ‘dialeção’ das imagens só se dá verdadeiramente imersa na história. Traduzindo aquele conceito de

⁷⁶ Ibidem, p.41.

⁷⁷ Idem, “Sobre alguns temas de Baudelaire”, ed. cit., p.105.

o *Urphänomen*, de Goethe, para o seu conceito de ‘fenômeno originário da história’, Benjamin prescrevia que a instância intuitiva daquele fosse transposta decisivamente para o próprio material da reflexão histórica, como imagem. “*A imagem dialética é o fenômeno originário da história*”.⁷⁸

A ‘visibilidade’ (*Anschaulichkeit*) que Benjamin propõe ele a situa propriamente como uma “*marca histórica*” da experiência cognitiva. “*A visibilidade aqui pretendida não é uma ‘visão natural’, isto é, não é a visibilidade dos fenômenos (não se trata de uma sociologia fenomenológica)*”.⁷⁹ Essa ‘visibilidade’ corresponderia ao momento preciso em que se dá um encontro, o reconhecimento do passado no presente, do exercício polarizado de ver no novo o velho, como uma perspectiva de ultrapassar o irrefletido e superficial da experiência, e buscando evitar a via da ‘abstração’.

*O que distingue as imagens das ‘essências’ da fenomenologia é sua marca histórica. (Heidegger busca em vão salvar a história para a fenomenologia, abstratamente, com a noção de ‘historialidade’).*⁸⁰

A ‘imagem dialética’, como um conceito, permaneceria enredada à história. Esse reconhecimento do ‘antigo’ no ‘atual’ estabeleceria uma visibilidade que se torna distanciamento, admitindo a inseparabilidade entre os tempos em questão, na forma de uma tensão constitutiva. O caráter ‘*construtivo*’ dessa história a reporta ao passado como oportunidade de retomada intensiva de uma oportunidade de ‘felicidade’ irrealizada, que se lança novamente ao ‘agora’. Da outra ponta, é desse ‘agora’ que se miram concretamente as frágeis condições desse resgate, como ‘*paralização*’.

⁷⁸ Idem, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N 9a, 4], p.491. (tradução minha)

⁷⁹ K. Muricy, *Alegorias da Dialética*, ed. cit., p.225.

⁸⁰ W. Benjamin, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N3, 1], p.479. (tradução minha)

*Não se deve dizer que o passado ilumina o presente ou que o presente ilumina o passado. Uma imagem, ao contrário, é lá onde o Outrora encontra o Agora em um clarão para formar uma constelação. Em outros termos, a imagem é a 'dialética parada'.*⁸¹

Desbastar da espessura do vivido, a distância de um olhar para o passado, possibilitaria uma 'visibilidade' do presente, não sua solução. Uma abordagem dialética desse porte é proposta por Benjamin com sua noção de uma '*dialética parada*' (*Dialectik im Stillstand*), em que os termos polarizados não colapsam, mas permanecem tencionados, problemáticos. Disso talvez já se encontre uma indicação no *Sobre o programa para a filosofia futura* (1918), quando Benjamin ponderava que "(...) além da síntese, é possível outra relação entre tese e antítese".⁸² Ao comentar o teatro épico de Brecht, Benjamin descreve novamente uma espécie tensão que acrescenta a descrição de uma paralisação semelhante: "*Ainda que dois gestos coincidam, não devem coincidir de tal modo que a contraposição entre ambos desapareça*".⁸³

Uma '*imagem histórica*', como um clarão, se configura na '*suspensão do movimento do pensamento*', sugere Benjamin, o que marcaria a intensificação das forças reflexivas ali engajadas. A sensibilidade do materialista histórico se põe em estado de espera e prontidão.

*A imobilização dos pensamentos faz, assim como seus movimentos, parte do pensamento. Quando o pensamento se imobiliza em uma constelação saturada de tensões, aparece a imagem dialética. É a cisura no movimento do pensamento. Seu lugar não é naturalmente arbitrário. É preciso, em uma palavra, buscá-lo lá onde a tensão entre os contrários dialéticos é a maior.*⁸⁴

⁸¹ Ibidem, [N 3, 1], p.479.

⁸² Idem, "Sobre el Programa de la filosofia futura", ed. cit., p. 14. (tradução minha)

⁸³ Idem, "Que es el teatro épico? Un estudio sobre Brecht", *Tentativas sobre Brecht*, ed. cit., p.27. (tradução minha)

⁸⁴ Idem, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N 10a, 3], p.494. (tradução minha)

Quando se preocupa em reiterar para seu conceito da ‘*imagem dialética*’ um domínio que não seja ‘*arbitrário*’, Benjamin indica para aquele ponto ‘*onde a tensão entre os contrários dialéticos é maior*’. Remetendo a tensões próprias da linguagem teórico-filosófica, sua escrita juvenil antecipava uma exigência análoga. No já citado artigo *A vida dos estudantes*, Benjamin defenderia a necessidade de um lastro entre os pólos ‘teoria’ e ‘vida’.

*De nada adianta tolerar as mais livres concepções e teorias enquanto não se garanta a vida que tais concepções e teorias – tanto quanto as mais rigorosas – trazem consigo (...).*⁸⁵

No ponto em que a imagem do passado surge para o presente, esse presente deverá estar apto a citá-la, só nesse ponto se configuraria uma ‘imagem dialética’, como paralização. Benjamin menciona, nas teses, o sentido com que Robespierre citara a Roma antiga durante a Revolução, “*como a moda cita o vestuário*”.⁸⁶ Para o materialismo histórico, articular ‘imagem’ ao ‘tempo vivido’ significa expor, na intensidade do ‘agora’, as polaridades recobertas em um acontecimento.

*A marca histórica das imagens não indica somente que elas pertencem a uma época determinada, ela indica sobretudo que elas só alcançam a legibilidade em uma época determinada. E o fato de alcançar ‘a legibilidade’ representa certamente um ponto crítico determinado no movimento que as anima.*⁸⁷

A ‘imagem histórica’ construída com a forte referência do ‘materialismo histórico’, trabalhado num sentido benjaminiano, não quer permanecer ‘arbitrária’. Uma vez alcançando sua legibilidade em uma época determinada, e atual, ela não deveria permanecer ‘*apenas uma imagem*’⁸⁸, aqui tomando de empréstimo palavras do *Zaratustra* de Nietzsche. A ‘*cisura do pensamento*’, para Benjamin, se daria

⁸⁵ Idem, “A vida dos estudantes”, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*, ed. cit., p.33.

⁸⁶ Idem, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.230.

⁸⁷ Idem, *Le livre des Passages*, ed. cit, [N 3, 1], p. 479.

⁸⁸ F. Nietzsche, *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém*, Trad. Mário da Silva, RJ: Civilização Brasileira, 2003, p.154. Lê-se: *Onde há beleza? Onde eu, com toda a vontade, devo querer; onde quero amar e extinguir-me, para que uma imagem não permaneça somente imagem.*

como o gesto que interrompe uma visão de mundo, uma *imago mundi* pré-concebida dentro de uma perspectiva prudente e social-democrata, para se lançar à reflexão ‘*sob o livre céu da história*’. Esse gesto deveria ser repleto de conseqüências concretas para o pesquisador e para o objeto pesquisado.

A “retradução de uma linguagem eminentemente filosófica em uma linguagem de imagens”⁸⁹, em Benjamin, seria a culminação de uma estratégia de contornar a unilateralidade da abstração por conceitos, como um exercício de auto-transformação sobre a própria forma de designar a história, com o foco no material investigativo. Essa concentração maximizada em um elemento concreto introduz uma paralização no próprio ‘*fluxo da vida*’.

*O estancamento no real fluxo da vida, esse instante em que seu curso de detém, é perceptível como refluxo: o assombro é esse refluxo. Seu verdadeiro tema é a dialética em estado de detenção.*⁹⁰

A concepção das ‘*imagens dialéticas*’ vinha sendo assumida por Benjamin como um ‘princípio epistemológico’ central para as *Passagens*, cujos traços metodológicos correspondentes seriam a montagem, a arte de citar ‘sem usar aspas’, a mortificação do autor, na ausência de interpretação conceitual. “*O método desse trabalho: a montagem literária. Não tenho nada a dizer. Só a mostrar*”.⁹¹ O trabalho da história se reconhecera na tensão que se apresenta em um contexto ‘determinado’, que daria visibilidade ao antagonismo presente no material histórico ele mesmo, apenas despertando seu vínculo ainda não percebido com o passado. Assim, ‘*a visibilidade da história ela mesma*’ consistiria “*em desvelar na análise do pequeno momento singular o cristal do acontecimento total*”.⁹² O autor, concebendo a integridade significativa que o pequeno material vem ‘mostrar’, silencia ele mesmo

⁸⁹ T. Adorno. *Correspondências T. Adorno W. Benjamin (1928-1940)*, ed. cit., carta a Benjamin de 6.11.1934, p.68.

⁹⁰ W. Benjamin, “Que es el teatro épico? Un estudio sobre Brecht”, *Tentativas sobre Brecht*, trad. espanhol Jesús Aguirre, Madrid : Taurus, 1999, p.29. (tradução minha)

⁹¹ W. Benjamin, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N 1a, 8], p.476. (tradução minha)

⁹² *Ibidem*, [N 2, 6], p.477.

em uma forma de escrita. No olhar benjaminiano de fazer história, reconhecer os alcances semânticos do ‘objeto’ seria catalizar um ‘devir das línguas’, em que o silêncio ativo do historiador corresponderia a uma dessubjetivação do conhecimento, ou à *‘morte da intenção’*⁹³ como uma construção.

*O materialista histórico só se aproxima do objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido.*⁹⁴

Superar a arbitrariedade de um processo intelectual apenas subjetivo, e buscar fundamentar o conhecimento em um ‘material’ determinado, para Benjamin, deveria resultar em um engajamento com o objeto histórico, para dar-lhe expressão. Com esse gesto, quer se dar fim ao ‘mito da interioridade’, instaurando a experiência na percepção objetiva daquilo que, por sua intensidade, ‘retorna o olhar’.

O tempo se intensificaria na reincidência atual daquelas origens outrora recalçadas, reprimidas, como formas, como ‘imagens dialéticas’. Exercendo, como Benjamin descreveria, um *‘faro para o atual na folhagem do antigamente’*, o historiador encontra um ensinamento tácito, que a proximidade com a morte traz: *“a indestrutibilidade da vida suprema em todas as coisas”*.⁹⁵

O acúmulo histórico dos malogros da emancipação humana são como o acúmulo de uma carga elétrica que deveria, nos termos das teses *Sobre a história*, explodir do *continuum* das narrativas oficiais da história. Nesse sentido, o apelo messiânico a que Benjamin se reportará potencializaria a transmissibilidade embargada da cultura como uma possibilidade de transformação concentrada na linguagem, mantendo viva sua perspectiva abrangente de redenção.

Não seria rigorosa uma idéia de evolução e de progresso, para uma perspectiva histórica capaz de apontar *“não só para os progressos na dominação da*

⁹³ Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, p.58.

⁹⁴ W. Benjamin, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.231.

⁹⁵ Idem, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N 1a, 4], p.476. (tradução minha)

natureza, mas para os retrocessos na organização da sociedade".⁹⁶ No curso da investigação histórica, assimilar o percurso significa parar e rever orientações. Em contraste com uma visão do progresso que recalca a permanência das contradições, torna-se significativo estabelecer a imagem do tempo em suspensão como '*dialética parada*'.

A prontidão para a apresentação materialista da história se exerce, como Benjamin pontua, na atenção ao objeto histórico. Nesse objeto, guardam-se sinais que informam sobre uma outra temporalidade. Em seu aspecto figurativo, essa relação estabeleceria, no ambiente da modernidade, a percepção de uma espécie de '*fantasmagoria*'. A concepção de fantasmagoria, em Benjamin, remeteria à experiência do objeto que '*retorna o olhar*'. No caso em que Benjamin toma o conto de Leskov, *A alexandrita*, já citado, importaria exemplarmente a leitura que o personagem, o lapidador Wenzel, faz da mensagem inscrita nessa pedra russa, o piropo.

*Ela sempre foi assim, desde a origem do mundo, mas escondeu-se por muito tempo e ficou enterrada na terra, e só consentiu em ser encontrada no dia da maioridade do czar Alexandre (...).*⁹⁷

Transpor um modelo temporal linear e evolutivo, como um outro exercício cognitivo da história, não traz um resultado previamente garantido. Nesse sentido, é interessante lembrar a impossibilidade, na nona tese de *Sobre o conceito*, que o '*anjo da história*' de Benjamin enfrenta, de "*deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos*".⁹⁸ Uma '*tempestade*' o impede de parar, soprando-o inevitavelmente para o futuro, para o qual o anjo vira as costas. Diante da tempestade, não pode parar para acolher os despojos e fragmentos e, olhando para trás, encara fixamente o '*amontoado de ruínas que vê crescer até o céu*'.

⁹⁶ Idem, "Sobre o conceito da história", *OE I*, ed. cit., p.228.

⁹⁷ Nikolai Leskov **apud**: W. Benjamin, "O narrador", *OE I*, ed. cit., p.220.

⁹⁸ Idem, "Sobre o conceito da história", *OE I*, ed. cit., p.226.

O materialismo histórico benjaminiano, enquanto forma de reflexão, se concentraria nos elementos do entorno cotidiano – seja um sofá do interior burguês, sejam as eiras e beiras de um edifício. O tempo incorporado no meio-ambiente citadino absorveria as energias reflexivas do filósofo diante de um material lingüístico farto, mas em geral impenetrável. Benjamin estaria comprometido em ler este entorno, entrincheirado nas ruínas do que foi jogado fora. “*Esse trabalho com o material, por assim dizer, desprezível da história constitui uma das características de sua concepção de historiador*”.⁹⁹ Pôsteres e cartazes como nuvens de letras cuja proliferação é o signo de um projeto intermitente de sedução, da exposição mitificada e mitológica dos corpos presente nas imagens da modernidade.

Uma multidão de estímulos, como choques, que aceleram e desorientam o habitante citadino, demandam a firmeza de um vagar reflexivo voltado ao mínimo, dedicado a descobrir o totem nas miudezas. Benjamin cita os versos de Baudelaire: “*Nunca passo diante de um fetiche de madeira, um Buda dourado, um ídolo mexicano sem dizer-me: É talvez o verdadeiro deus*”.¹⁰⁰ Na eloquência das dimensões modernas organizam-se apologias ultrapassadas em instantes pela tempestade lingüística da publicidade. O sentido que se lança está destinado ao lixo no tempo de um suspiro, pois para a mercadoria os significados são terminais: embalagem e venda.

O movimento da cidade a se modernizar, como naquela Paris do século dezenove a que Benjamin devota grande atenção, provocaria uma sensação de fantasmagoria, mesmo de um ‘eterno retorno’. Na penumbra da recém-inaugurada iluminação a gás e de seus novos hábitos sonâmbulos – descrita nas imagens dos poemas de Baudelaire – a renovação se avizinha à repetição. Benjamin entenderá como heróico em Baudelaire o fato de que “*se confrontava com a vida moderna do mesmo modo que o século XVIII com a antigüidade*”.¹⁰¹ O *spleen*, espécie de melancolia própria do olhar insistente, penetrante, do poeta, e do *flâneur*, viabilizaria uma percepção intensiva daquilo que seria a superfície veloz do tempo moderno. “O

⁹⁹ K. Muricy, *Alegorias da dialética*, ed. cit., p.221.

¹⁰⁰ Charles Baudelaire, **apud**: W. Benjamin, “Rua de mão única”, *OE II*, ed. cit., p.17.

¹⁰¹ W. Benjamin, “Paris do Segundo Império”, *OE III*, ed. cit., p.151.

spleen põe séculos entre o presente e o momento que acaba de ser vivido. É ele que, incansavelmente, estabelece ‘antigüidade’”.¹⁰²

Os elementos discursivos que se proliferam ininterruptamente em evidência operam o acultamento dos rastros da violência, enquanto uma imagem que os recupere maximizaria neles a tensão entre ‘velho’ e ‘novo’, como um corte. Para o historiador, reconhecer os espectros e rastros que aparentemente se apagaram torna-se uma perspectiva de dotar-lhes da intensidade solicitada como resposta ao atual. É como se na escolha de um detalhe material repousasse “*um espectro de um tempo sepultado; no entanto ali, no meio de nós, próximo, tangível, palpável, imóvel, ao sol*”.¹⁰³

A retomada de um passado esquecido exprime o necessário de uma forma atual que o redima, pede a atenção do historiador. A ‘*imagem dialética*’ compõe-se num quadro capaz, como Benjamin reconhece ser próprio da poesia de Baudelaire, de “*fazer aparecer o novo no sempre igual e o sempre igual no novo*”.¹⁰⁴ A imagem dialética diferiria da ‘imagem arcaica’, como Benjamin se preocupa em discernir, em um ponto crítico, a partir do qual não há mais um retorno à inocência original, e não se revoga a experiência crítica da modernidade. “*O contraste entre a imagem dialética e a arcaica tem configurado e configura – como resulta ademais óbvio – uma das tarefas fundamentais das Passagens*”.¹⁰⁵

Os temas do mito, do sonho, da rememoração, mereceram uma reflexão importante por Benjamin. Em seu artigo de crítica *O surrealismo – último instantâneo da Europa* (1929), Benjamin menciona ainda as ‘*forças da embriaguez*’ como um passo para a dialetização de uma imagem. Nesse texto, o filósofo investe na compreensão dos limites entre o vivido e a sua imagem, inclinando-se para a noção de uma ‘*interpenetração*’. Sublinhando notadamente que “*fica sempre um resto*”, Benjamin descreve o limite reconhecido de que “*esse espaço continuará*

¹⁰² Ibidem, p.155.

¹⁰³ Marcel Proust, *Sobre a leitura*, ed. cit., p.51.

¹⁰⁴ W. Benjamin, “Parque Central”, *OE III*, ed. cit., p.165.

¹⁰⁵ Idem, Correspondências T. Adorno e W. Benjamin (1928-1940), ed. cit., carta a Adorno de 17.05.1937, p.192.

sendo espaço de imagens”, um espaço de ‘iluminação profana’.¹⁰⁶ Sensibilizado com a proposta formal do surrealismo, Benjamin incorpora o tema do ‘sonho’, do modo como é retomado na Seção N das *Passagens*.

*A exploração dos elementos oníricos na hora do despertar é o paradigma da dialética. Ela é um exemplo para o pensador e uma necessidade para o historiador.*¹⁰⁷

Os efeitos do sono, para Benjamin, deverão pesar na “solidão da primeira hora desperta”¹⁰⁸, em que a profusão das imagens sonhadas penetra as fronteiras da consciência. No intervalo em que a consciência recentemente acordada ainda estaria sob o efeito do sono, esse limiar constituiria um instante privilegiadamente dialético, segundo Benjamin, uma dialética entre o sono e a vigília. Esse instante também é narrado por Proust, no *Em busca do tempo perdido*.

*Um homem que dorme sustenta em círculo, ao seu redor, o fio das horas, a ordenação dos anos e dos mundos. Ao acordar, consulta-os por instinto e neles verifica, em um segundo, o ponto da terra em que se localiza, o tempo que transcorreu até seu despertar; mas essa ordem pode se confundir e se romper.*¹⁰⁹

Ao sonho sucede o despertar – inscrevendo o instante da escrita histórica como aquele instante em que se interrompe o sonho, que será cristalizado em uma ‘imagem dialética’. O ‘agora’ seria esse tempo intensivo em que os elementos oniricamente acessados durante o sono se articulam para a clareza do ‘despertar’. O ‘tempo-de-agora’, descrito como conceito nas *Passagens*, seria compreendido no intervalo em que penetram os desejos originais que afluem no sonho, interrompidos no momento que concentra para o despertar aquela configuração de máxima tensão. As ‘imagens dialéticas’ contam com a forma da origem como legibilidade do ‘agora’ desperto. “O Agora do cognoscível é o instante do despertar”¹¹⁰.

¹⁰⁶ Idem, “O surrealismo: último instantâneo da Europa”, *OE I*, ed. cit., p.34.

¹⁰⁷ Idem, *Le livre des Passages*, ed. cit., p.481 [N 4, 4]. (tradução minha)

¹⁰⁸ Idem, “Rua de mão única”, *OE II*, ed. cit., p.12.

¹⁰⁹ Marcel Proust, *No caminho de Swann (Em busca do tempo perdido, vol.I)*, ed. cit., p.11.

¹¹⁰ W. Benjamin, *Le livre des Passages*, ed. cit., [N 18, 4], p.505. (tradução minha)

*A imagem dialética não copia o sonho – nunca foi minha intenção afirmar isso. E, sem dúvida, me parece que contem as instâncias, os pontos de interrupção do despertar, e que não produz sua figura mais que a partir desses pontos, da mesma maneira como o faz uma constelação celeste a partir de seus pontos luminosos. Assim, pois, também aqui há um outro arco que reclama ser tensionado; uma dialética da qual se apoderar: a dialética entre a imagem e o despertar.*¹¹¹

Dialetizada como imagem, essa forma de construção da história não seria porém sua imagem redimida. O pensamento do historiador se paralisa para dar acesso a pequenos sinais que constituiriam o rastro do material desprezado, rompendo com um processo que se avoluma, ao tomar especialmente os vestígios que tendem a se apagar. Como uma produção histórica avessa à continuidade, seria o procedimento de ‘*escovar a história a contrapelo*’¹¹². Forma-se, nesse movimento, uma sensibilidade como a que Benjamin identifica em Baudelaire, “*uma sensibilidade que ainda percebesse encantos nas coisas danificadas e corrompidas*”.¹¹³ Benjamin credita como ‘*louvável*’, em seu artigo “Elogio da boneca”, uma frase de autores quase anônimos, os Goncourts, como nota àquela altura. Segundo eles o trabalho seria ‘*fazer história dos detritos da história*’.¹¹⁴

Assim sinalizada, a reflexão que põe a história ‘*em um foco*’, nos termos que Walter Benjamin propõe, move-se deslocada de uma análise macro-política do poder institucional, e se orienta para uma microscopia da experiência, atenta ao modo como as transformações se consolidam a partir das mínimas células da estrutura perceptiva, coletiva e individual – importando para tal, principalmente, as mais sutis alterações nos hábitos e costumes. Não seria exatamente como uma ‘microfísica do poder’ pois, no caso de Benjamin, as pistas para sua construção histórica são procuradas em geral nos registros do que ficou à margem, pontos emblemáticos de uma destituição operada na linguagem. Na perspectiva de destacar e ‘*salvar*’ da nulidade o que haveria de significativo nesse lugar, sua filosofia encontra margem

¹¹¹ Idem, Correspondências T. Adorno e W. Benjamin (1928-1940), ed. cit., carta a Adorno de 16.08.1935, p.126. (tradução minha)

¹¹² Idem, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.225.

¹¹³ Idem, “Paris do Segundo Império”, *OE III*, ed. cit., p.55.

¹¹⁴ Goncourts **apud**: W. Benjamin, “Elogio da boneca”, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação*, ed. cit., p.138.

para o exercício do pensamento como uma prática lingüística auto-transformadora e auto-limitadora.